



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**A REPRESENTAÇÃO DO ENSINO DE LITERATURA NO CINEMA**

Rafaela Maciel Silva

Rio de Janeiro  
2022

RAFAELA MACIEL SILVA

A REPRESENTAÇÃO DO ENSINO DE LITERATURA NO  
CINEMA

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em  
Letras na habilitação Português/  
Literaturas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Danielle dos Santos Corpas

RIO DE JANEIRO  
2022

### CIP - Catalogação na Publicação

SS586r Silva, Rafaela Maciel  
A representação do ensino de literatura no cinema  
/ Rafaela Maciel Silva. -- Rio de Janeiro, 2022.  
39 f.

Orientador: Danielle dos Santos Corpas.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Literaturas, 2022.

1. Ensino de literatura. 2. Cinema. 3.  
Representação. I. Corpas, Danielle dos Santos,  
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.

(Paulo Freire)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2</b>	<b>A IDEALIZAÇÃO PRESENTE NA FICÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: A REALIDADE BRASILEIRA DIANTE DA FICCIONAL .....</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O cinema, desde o seu surgimento no fim do século XIX, é reconhecido como um modo de expressão cultural da sociedade contemporânea e, assim, utilizado para promover reflexões, pensamentos críticos e educação, além do entretenimento. É fundamental ratificar a importância da relação entre cinema e educação, que contribui para que haja uma troca de saberes e, claro, expande o universo do espectador enquanto aluno. Dito isso, ao analisar as representações do ensino no cinema, verifica-se o entendimento de um determinado assunto, época ou contexto político, por exemplo. Isto é, o cinema é uma ferramenta capaz de perpetuar diversos temas diante de diferentes perspectivas e, conseqüentemente, atingir diversas classes sociais e interesses pessoais.

O interesse por esse estudo surgiu mediante a minha paixão por obras cinematográficas e o meu afeto pela literatura. Ademais, a motivação para elaborar o presente trabalho de conclusão situa-se na importância de promover o ensino de literaturas por meio do cinema, arte cada vez mais atual e revolucionária visando a sociedade midiática na qual vivemos. O ensino de literaturas pode ser considerado um tema clássico e produto de muitos outros estudos pelo mundo, mas o propósito deste trabalho é discutir como o ambiente escolar e a docência são retratados pela visão cinematográfica.

Sendo assim, pode-se assegurar que estudar a influência do cinema em relação ao ensino aprofunda a compreensão das novas estruturas sociais presentes na atualidade. Isto é, desperta nos alunos a capacidade de reflexão e, provavelmente, abrange a necessidade e o interesse no estudo de literaturas. É fundamental afirmar que a disciplina em questão promove o desenvolvimento crítico, pessoal e coletivo de uma sociedade e, sendo assim, contribui para que os jovens sejam capazes de elaborar um pensamento analítico acerca de suas vivências.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo comparar três filmes da última década que colocam como tema central o ensino de literatura e os problemas que emergem durante a aprendizagem. É válido ressaltar que o ensino de literaturas se encontra em transformação nos últimos anos e, como consequência, desapega-se de um contexto puramente repetitivo, descritivo e expositivo para adquirir uma formação do aluno enquanto leitor e indivíduo. Segundo Antônio Candido (2002), é possível identificar três funções da literatura: a função psicológica, a função formadora e a função social. Logo, o ensino de literatura promove um

amplo desenvolvimento do alunado, tanto para fins escolares como pessoais, apresentando-se como um instrumento de comunicação e de interação social.

Entretanto, é de suma importância ratificar que o ensino de literatura é uma área do conhecimento constantemente negligenciada nas escolas, principalmente na rede pública. Este pode ser considerado um dos diversos fatores que favorecem o crescimento da desigualdade educacional no Brasil. Entende-se que o ensino e aprendizagem de literaturas é um ato crucial para o enriquecimento curricular e pessoal do indivíduo, permitindo um crescimento social e intelectual para que ocorra a formação crítica e humana. O que também nos permite indagar diversas concepções sobre o estudo de literaturas e a identificar o conceito de ensino e aprendizagem diante de tantas teorias e práticas envolvendo o assunto.

Deste modo, voltando à temática central deste trabalho, nota-se, após a análise de alguns pontos centrais dos filmes selecionados, como a literatura pode desenvolver a sensibilidade no ser humano, tornando-o mais reflexivo sobre os seus horizontes e ampliando os seus conhecimentos. Também será mostrado como o modelo de ensino e o currículo presente na escola pode encaminhar a turma para o sucesso desejado. Com isso, a seguir será exposto uma breve contextualização sobre os filmes para que possamos dar início à análise comparativa e reflexiva.

O primeiro filme selecionado é *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), dirigido por Peter Weir, que retrata a docência de John Keating, ex-aluno de uma renomada instituição de ensino norte-americana no final da década de 1950, e o seu novo modelo de ensino, que se opõe à educação ortodoxa praticada no local. A escola em foco é destinada ao público masculino e, majoritariamente, à elite da sociedade, promovendo a homogeneidade cultural e racial no ambiente educacional. O longa-metragem, colecionador de quatro indicações ao Oscar e do prêmio de Melhor Roteiro Original em 1990, mostra como o professor Keating se torna responsável por estimular o pensamento crítico e autônomo de seus jovens alunos. Sob o lema dos quatro pilares da educação — tradição, honra, disciplina e excelência — os alunos se manifestam sobre a transformação provocada no ensino e a direção escolar é confrontada.

O segundo filme apresenta a história verídica de Erin Gruwell, professora recém-formada de literatura inglesa e personagem principal do longa-metragem *Escritores da Liberdade* (2007), sob direção de Richard LaGravenese. Tal enredo situa-se na periferia de Los Angeles durante o ano de 1994, época na qual os conflitos entre gangues eram constantes e violentos. Esta diversidade cultural e racial também está presente na sala de aula da senhora

Gruwell, que busca atenuar o conflito entre etnias. A docente tem como objetivo de ensino a transformação da realidade social e a compreensão da realidade dos alunos. Gradualmente ela consegue conquistar a confiança e o respeito da turma e promove o interesse pelos estudos, tornando os alunos dedicados e confiantes.

Por último, a obra cinematográfica francesa *Entre os Muros da Escola* (2008), vencedora da Palma de Ouro no Festival de Cannes e tendo Laurent Cantet como diretor, retrata os desafios do professor François Marin e os seus colegas docentes em sala de aula. O cenário é uma escola pública contemporânea, localizada na periferia de Paris, o que contribui para que a turma também seja marcada pela diversidade cultural e racial. Além da dificuldade em manter o interesse dos alunos ao lecionar a disciplina de literatura francesa, François lida com constantes conflitos na classe, que dificultam a relação entre professor e aluno. Mesclando documentário e ficção, o longa-metragem retrata diversos momentos recorrentes na vida docente, como o conselho de classe e a confraternização entre os professores.

Pode-se dizer que cada filme selecionado retrata a complexidade de uma sala de aula, os seus conflitos e as relações interpessoais. Isto é, cada obra é responsável por expressar as suas características, objetivos e representações sobre o ensino de literatura diante de uma perspectiva. Sendo assim, a finalidade deste estudo é realizar uma análise e uma comparação entre os três filmes citados acima e, a partir disso, elaborar questionamentos sobre como e porque determinadas situações são desenvolvidas no cinema. Além disso, vale atentar para o papel do professor e o conceito de ensino, além das idealizações evidenciadas pela ficção.

Posteriormente, será pertinente relacionar os cenários encontrados nos filmes comentados com o atual contexto brasileiro de ensino de literaturas, como também ressaltar as condições materiais e emocionais dos docentes e a importância da relação entre professor e aluno. Verifica-se a necessidade de relacionar o que foi observado nas obras cinematográficas com a realidade brasileira, de modo a aproveitar este estudo em nossas condições específicas.

Ademais, acredito que o tema em pauta possui relevância política, econômica e social se considerado o contexto atual em que nos encontramos. Portanto, a ideia é ressaltar a magnitude do cinema enquanto saber e a necessidade de contribuir cada vez mais para um ensino de qualidade e igualitário. Desta maneira, espera-se que este trabalho contribua com o tema abordado, estimulando reflexão crítica acerca do assunto e da importância de relacionar uma área de entretenimento tão significativa que é o cinema com o ensino e aprendizagem de literatura.



## 2. A IDEALIZAÇÃO PRESENTE NA FICÇÃO

É sabido que o gênero ficção é definido como uma narrativa produzida pela imaginação e não é necessariamente baseada em fatos. Do ponto de vista dos gêneros cinematográficos, a ficção de opõe ao documentário, visto que este se caracteriza por ser embasado em histórias e acontecimentos reais. Dessa forma, é comum o fato de as obras cinematográficas de caráter ficcional retratarem de forma exagerada, utópica ou inverídica uma determinada realidade, profissão ou grupo, veiculando estereótipos vigentes na sociedade de modo que sugerem uma certa normalidade em uma ação ou um assunto.

Em outras palavras, a indústria cinematográfica pode ser responsável por propagar ideias e conceitos que mascaram a realidade. A representação da figura do professor em sala de aula também não escapa desse processo de idealização operado pela mídia. Segundo Turner (1997):

O cinema não reflete nem registra a realidade; como qualquer meio de representação, ele constrói, e 'reapresenta' seus quadros da realidade por meio dos códigos, convenções, mitos e ideologias de sua cultura, bem como mediante práticas significadoras específicas desse meio de comunicação. Assim como o cinema atua sobre os sistemas de significado da cultura – para renová-los -, reproduzi-los ou analisá-los -, também é produzido por esses sistemas de significado. (TURNER, p. 128- 129)

A construção da identidade profissional do professor, de uma forma geral, é aclamada pelo amor à docência e a dedicação aos seus alunos. Esse panorama é perceptível em diversos filmes e séries de diferentes décadas e contextos sócio-históricos, como nos filmes *Ao mestre com carinho* (1967) e *O sorriso de Mona Lisa* (2003) e na série *Merlí* (2015). E, de um modo mais particular, quando se trata do professor de literatura, há margem para que seja um papel ainda mais idealizado, por corresponder a uma área do conhecimento relacionado à subjetividade e certa liberdade. Percebe-se frequentemente a exibição de dois tipos de professor na mídia: o que é considerado carrasco e tradicional, como o professor-personagem do filme *Entre os Muros da Escola*, e o que contempla cada momento da vida e é preocupado com a experiência de cada aluno pertencente a sua turma, como é o caso do professor Keating

(FIGURA 1) e da professora Gruwell, nos filmes *Sociedade dos Poetas Mortos* e *Escritores da Liberdade*, respectivamente.



Figura 1: Nesta cena, o professor Keating ressalta a importância de ter um pensamento autônomo e crítico.

Esta representação idealizada nos leva a algumas questões relevantes e a uma reflexão em torno da problemática da construção da identidade profissional do professor de literaturas: O que é considerado um bom professor, apenas aquele que “foge à regra” do ensino tradicional? O ensino de literaturas é realmente capaz de transformar a sociedade, assim como é pregado em diversos filmes e séries? Como essa representação midiática pode refletir na sociedade? Segundo Rob Edelman (1990), em seu artigo intitulado “Teachers in the movies”, os docentes estão sendo constantemente estereotipados de forma negativa na indústria cinematográfica:

[...] histórias sentimentais sobre as carreiras de professores/as devotados/as e determinados/as, anônimos seres humanos que através dos anos afetam as vidas de milhares de estudantes; e [filmes sobre] professores/as em difíceis escolas urbanas cujos colegas são cínicos, derrotados por uma burocracia educacional e pelas artimanhas de estudantes hostis, e que, não obstante, persistem, apesar da frustração e mágoa (p.28).

Essa citação pode ser facilmente relacionada ao filme *Escritores da Liberdade*. O motivo dessa correlação ocorre pelo fato de a professora Erin Gruwell ser representada como uma docente recém-formada e disposta a enfrentar a direção da escola e os demais colegas docentes para que os alunos recebam o ensino e o material adequado para os seus estudos. Além disso, a personagem de Gruwell (FIGURA 2) conduz toda a sua disposição e dedicação à sua

turma, acima da sua vida pessoal, provocando o fim do seu casamento e uma sobrecarga ao conciliar três empregos com o intuito de sustentar o que ela acredita ser o necessário para proporcionar o ensino e a aprendizagem desejada à sua classe.



Figura 2: O entusiasmo da professora Erin Gruwell (à direita).

Neste ponto, percebe-se o fato de o enredo idealizar um comportamento do docente, ou de simplesmente enxergar o sacrifício deste como uma atitude normal e aguardada pela sociedade. Isto é, trata-se como admirável a forma como a personagem se desdobra para conseguir recursos financeiros, mesmo que isso custe o seu tempo extracurricular e a sua saúde física e mental. Desse modo, o que era para ser tratado como função da direção da escola, se torna da docente, seja por iniciativa pessoal ou por falta de apoio e desinteresse por mudanças curriculares do segmento responsável. Em nenhum momento os demais docentes se mostram solidários à causa, pelo contrário, é revelado um conformismo diante da situação exposta, sendo entendido como a indiferença perante a realidade daqueles que estão há mais tempo em sala de aula.

Além disso, em nenhum momento no decorrer da história é efetuada uma crítica quanto à sobrecarga na qual a professora está enfrentando. Talvez uma ou outra fala de personagens secundários, como o marido e o pai da personagem, ambos se posicionando contra as atitudes da recém-formada. Agora é necessário lembrar: é um filme de caráter ficcional, embora seja baseado numa história real. O objetivo, neste caso, não é gerar críticas e reflexões acerca do sistema educacional ou da escassez de recursos materiais e financeiros da escola, e sim promover a esperança e a ideia de que a educação consegue transformar as pessoas e, assim, o

mundo. Logo, para que ocorra essa mudança, é necessário ter agentes modificadores dentro de um sistema desigual. Portanto, desta vez, a professora Erin Gruwell é fundamental para assumir o papel de agente modificador.

Os estudantes da classe da senhorita Gruwell também demonstram um comportamento hostil, como Edelman (1990) propõe em sua citação. No início do ano letivo, a maioria dos alunos não respeita a posição da professora em sala, o que ocasiona diversas tentativas dela em ser aceita e ouvida por diferentes grupos. Por esse motivo, a princípio, não há uma relação de respeito ou talvez até de subalternidade, como se encontra em outros cenários, como no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*. Neste caso, talvez porque a ação se passa em um colégio de elite, no qual os alunos não têm tanta voz e direito a questionamentos e reclamações, se encontram como sujeitos-alunos subalternos à figura do docente. E o mesmo, por outros motivos, pode ser percebido no terceiro filme, *Entre os Muros da Escola*, por ser um método de ensino no qual se aplicam punições através de castigos e sistema de penalização por pontos. (FIGURA 3)



Figura 3: Cena que apresenta o conselho de classe da escola.

Sendo assim, voltando aos questionamentos exibidos anteriormente, o filme de Richard LaGravenese veicula a ideia de que o bom professor deve ser aquele capaz de transmitir o seu conhecimento de forma eficaz a seus alunos, zelando pela compreensão e eficácia na sua metodologia de ensino. Um professor mais reservado, ou considerado antipático, como o personagem do professor François no filme *Entre os Muros da Escola*, pode ser excelente na prática da docência, conseguir cumprir as suas metas de ensino e ser solícito quanto as dúvidas, mas o seu modo de ensinar e de lidar com os imprevistos podem não agradar a todos os alunos. O processo de idealização do docente de literaturas nos faz estar à espera de uma senhorita

Gruwell e de um senhor Keating, com uma postura mais delicada e esperançosa. No entanto, como observa Paulo Freire:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 96)

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em vigor no Brasil desde 1996, que regulamenta a atuação docente e indica suas principais diretrizes, as atribuições legais do professor por lei são: elaborar a proposta pedagógica e o planejamento; zelar pela aprendizagem dos alunos; elaborar estratégias de recuperação para aqueles alunos que não obtiveram notas satisfatórias e ministrar os dias letivos de horas-aula. Diante disso, e contrapondo com o que é observado na indústria cinematográfica, percebe-se que a função do professor é, em suma, garantir a aprendizagem de seus alunos, enquanto na mídia o docente é situado na posição de agente modificador na vida dos estudantes.

Claro, é inegável a transformação que a educação pode ocasionar na vida dos alunos e, dessa forma, o professor torna-se o principal meio para que isso aconteça. O acesso a uma boa educação permite a troca de conhecimentos e a elaboração do pensamento crítico e autônomo, favorecendo o desenvolvimento social, econômico e cultural em uma sociedade. Entretanto, não deve ser romantizada. Tendo-se a sociedade brasileira como panorama, nota-se que há uma defasagem na área da educação, o que acarreta numa série de problemas e dificuldades como: a falta de professores; a baixa carga horária; a evasão escolar; a carência de políticas públicas de ensino e a desvalorização do magistério. Por isso, ainda que o docente tenha o objetivo de contribuir nesta transformação, não dispõe de tempo, recursos e ânimo suficiente para planejar estratégias que atendam a todos.

Segundo Dalton (1995) e Padial (2010), a história do cinema é encarregada de retratar as escolas, os alunos, os diretores e os professores em situações padronizadas. Isto é, enredos construídos sob uma lógica da jornada do herói, em que o professor — geralmente novato — é o único na comunidade escolar que se incomoda com o modelo de ensino, como também com os preconceitos sofridos por seus alunos problemáticos. Nesta perspectiva de enredo, os professores protagonistas se sacrificam em prol do ensino, acreditando ser o diferencial para transformar a vida dos estudantes. Isso é notado nos três filmes citados neste trabalho, cada um

à sua maneira. Tanto em *Sociedade dos Poetas Mortos* como em *Escritores da Liberdade*, os professores são novos nas instituições de ensino e, de certo modo, se sacrificam diante do que acreditam ser o adequado para as suas turmas. Esse ato traz consequências na vida dos docentes: o senhor Keating é demitido e a senhorita Erin Gruwell é atarefada com atividades extracurriculares, as quais estão além do seu dever, mas ela identifica a necessidade de suprir a carência intelectual dos seus alunos.

Por outro lado, em *Entre os Muros da Escola* o personagem principal não é inexperiente na instituição de ensino e nem sofre nenhum tipo de desordem na sua vida profissional ou pessoal. Há, no final do enredo, um conflito do professor e outros alunos, que acaba provocando a expulsão de um deles. Neste contexto, em meio as cenas e postura do professor diante da situação, é notável a presença do autoritarismo na relação professor e aluno. Diferente dos outros dois filmes, este se dedica a expor os problemas da educação, destaca a visão não idealizada, além de contrapor também a expectativa dos novos docentes e os mais antigos, como nota-se no diálogo transcrito a seguir:

Professor Hervé: Bom dia a todos, me chamo Hervé. Há três anos que dou aulas aqui. Sou professor de Educação Física. Dou as boas-vindas aos colegas novos. Os alunos podem ser um pouco difíceis mas são garotos adoráveis.

Professor Oliver: Bom dia a todos, eu me chamo Olivier. Sou professor de Física e estou nesta escola há quatro anos.

[...]

Professor Gilles: Bom dia a todos, eu sou o Gilles, professor de matemática há muitos anos. Vou me aposentar no final do ano e desejo aos que acabaram de chegar muita força.

Professor François: Bom dia, me chamo François. Sou professor de francês e este é o meu quarto ano aqui. Sejam todos bem-vindos.

É inegável a força e o poder do qual o cinema usufrui diante de seus diversos recursos midiáticos e sua influência como entretenimento e cultura para disseminar um ideal de *persona*, que neste caso é a figura do professor. Assim, o apelo sensacionalista das produções hollywoodianas torna a figura do professor uma espécie de herói que tem a nobre missão de conduzir seus alunos ao caminho tortuoso do conhecimento. (DALTON, 1995; FABRIS, 1999; PADIAL, 2010) Dessa forma, a lógica do professor herói adotado nos enredos padronizados de Hollywood propaga estereótipos idealizados de docência a ponto de ser este o clichê mais recorrente no cinema, o de professor salvador.

Entretanto, por outro lado, enquanto espectadores, temos que ser capazes de saber identificar as ações plausíveis do exagero em tela. Talvez, nestes casos, seja mais fácil um graduando em licenciatura ou professor em atuação perceber os picos de idealizações expostos na obra do que um espectador comum, sem conhecimento do campo de trabalho ou de vivências próximas ao modelo retratado. Enquanto profissionais da área, é necessário ter a consciência de que a realidade não é igual à ficção. O professor em sala de aula não conseguirá suprir as necessidades de todos os alunos, por mais que seja o desejo dele, principalmente as demandas pessoais, visto que são cerca de 40 discentes por turma, em média. Então, o professor engajado, revolucionário e disposto a considerar as histórias de vida de seus alunos e de ampliar suas perspectivas, além de mediar o conteúdo científico, é uma idealização. (BALADELI, 2016)

Além disso, como lembra Fabris (1999), o cinema incorpora as tecnologias do uso da câmera, da iluminação, da edição, do cenário e do som para compor o significado. Tudo isso faz parte do processo de instituição de significados, e do processo de representação (e eventualmente de idealização) que o cinema realiza. Além disso, a caracterização dos personagens também é de suma importância, assim como a escolha do elenco e suas respectivas personalidades. Com tudo isso, o diretor consegue transmitir de maneira mais eficaz a mensagem que deseja ao telespectador. Por exemplo, a professora Gruwell é apresentada usando uma roupa elegante, de salto alto, colar de pérolas, no centro da sala e em cima de um tablado, detalhe evidencia a superioridade do docente em relação à turma. Ao mesmo tempo em que é colocada num papel visualmente elevado em relação ao que é esperado para uma escola de periferia, a personalidade da notava se mostra intrigante se comparada aos demais colegas: calma, compreensiva e estimulante. Assim como é aguardado da figura de professor salvador.

Em contrapartida, é interessante observar que o ator François Bégaudeau (FIGURA 4), que interpreta o professor François Marin, no filme *Entre os Muros da Escola*, não tem experiência em atuação e já esteve em sala de aula como docente numa rede pública de ensino da França, trazendo veracidade ao seu personagem. O mesmo acontece em relação aos personagens dos alunos, que também são inexperientes com a atuação e estudantes do ensino público. Isto é, é evidente a disposição do diretor em buscar uma representação fiel da realidade, em coerência com o gênero documentário. Enquanto nos outros filmes têm um elenco de celebridades em cena como protagonistas: a atriz Hilary Ann Swank e o autor Robin Williams.



Figura 4: O ator François Bégaudeau e os jovens em cena.

Cada diretor é encarregado de escolher e utilizar a melhor estratégia ou recurso disponível para a sua produção obter o teor que deseja. Seja um elenco experiente e chamativo, o bom uso das câmeras e luzes ou talvez uma estratégia mais arriscada e ousada, como optar pela atuação inexperiente de um ator. O posicionamento das câmeras, como dito anteriormente, também é fundamental para transmitir uma certa perspectiva do tema em pauta. No caso do professor François, a câmera posicionada em uma das quatro paredes permite uma visão mais observadora da sala de aula, o espectador vira um aluno (FIGURA 5). Já no caso da senhorita Gruwell, a câmera é frequentemente ajustada de forma central, colocando a personagem de Hilary Ann Swank como o ponto de equilíbrio do ambiente. Assim, a simples movimentação da câmera é capaz de capturar uma concepção de indisciplina ou desinteresse dos alunos, por exemplo.



Figura 5: A postura de Erin Gruwell em sala de aula.

A professora Erin Gruwell, em *Escritores da Liberdade*, se insere nessa idealização tão aguardada pelos espectadores, assim como o professor Keating, em *Sociedade dos Poetas Mortos*. Este, retorna ao seu antigo colégio para tentar modificar o modelo de ensino, buscando



aplicar o que acredita ser mais eficiente e interessante aos olhos dos alunos. Logo, é justo afirmar que, no que se refere à representação da docência pelo viés da indústria cinematográfica, a persona do professor tem algo em comum: a missão. A missão de transmitir o conhecimento; a missão de dar voz aos alunos ditos problemáticos; a missão de promover o ensino da forma que considera apropriado; e a missão de se adequar ao estilo dos alunos e oferecer a aprendizagem e atividades condizentes com as realidades do público-alvo.

Segundo Bell Hooks, autora e professora estadunidense, “os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente” (p. 36) No caso do Brasil, porém, embora os professores almejem o conhecimento e o interesse dos alunos, geralmente faltam recursos para ter sucesso na metodologia definida. Por exemplo, a carga horária da disciplina de literatura possui uma desvantagem enorme se comparada a outras disciplinas (ditas como essenciais e até mais importantes, como as ciências exatas), o que empobrece o ensino de literaturas por falta de espaço/tempo no currículo para abranger todas as vertentes da disciplina.

Por esse lado, é quase impossível o professor ter disponibilidade e vontade — em meio ao cansaço e estresse do dia a dia — de se auto inserir nessa idealização da docência. Claro que, neste caso, lida-se com um panorama mais geral, incluindo as áreas mais pobres e escassa de educação, em que já é uma vitória o aluno conseguir frequentar a escola, como áreas de riscos e de difícil acesso. Ou seja, devido a tantos problemas externos (infraestrutura, principalmente), geram-se dificuldades ou até desinteresse pela inserção de uma aprendizagem mais interativa, que possa abranger todo o alunado e suas particularidades, como é mostrado no cinema. Nos filmes surgem uma solução para (quase) todos os problemas emergem no decorrer da história: o aluno que tem dificuldade em se expressar consegue, de uma hora para outra, expor os seus pensamentos numa única atividade em sala; O outro, ao descobrir uma antiga sociedade de poetas, se encontra no teatro e assim por diante.

Também, por outro lado, é importante pontuar que nem todos os alunos vão se interessar pela disciplina ou assunto em questão. É necessário considerar o interesse pessoal do aluno por um campo do conhecimento. Se comparado aos filmes, percebe-se que é comum focar a filmagem e o foco da narrativa somente nos alunos que aceitam a abordagem do professor ou nos que, literalmente, reviram os olhos para a nova metodologia.

Nos filmes em pauta, o ensino de literaturas é retratado com o traço de influência da arte, explicitando como ela pode ser a responsável por salvar os jovens dos pesos da juventude. No filme protagonizado por Robin William, a arte é representada, primeiro, pelo interesse do grupo de jovens pela descoberta da sociedade de poetas mortos e, posteriormente, pela inserção do personagem Neil Perry no teatro, descobrindo a sua paixão pela atuação, e não pelo curso determinado pelos pais. Já na história da professora Erin Gruwell, a arte surge quando ela decide trabalhar com o livro *O diário de Anne Frank* de modo a aproximar os grupos da turma que viviam em guerra entre si. Logo os alunos se comovem, se revoltam e se transformam, principalmente na convivência e respeito entre os considerados diferentes.

E como esse tipo de idealização afeta a realidade dos docentes? Pode-se dizer que o filme *Entre os Muros da Escola* tem uma aproximação da realidade que deveria ser mais ressaltada em demais filmes sobre a educação. Pois, como veremos no capítulo adiante, as instituições de ensino não são capazes de suprir a necessidade de todos os alunos — e até mesmo de todos os docentes. Há conflitos entre colegas de classe assim como entre os professores, também há o cansaço, a euforia, o desrespeito, o estresse e o autoritarismo do ser professor acima dos alunos. Os espectadores estão acostumados a uma romantização que foi estabelecida e limitada, ocasionando uma falsa sensação da realidade e da existência, além do enaltecimento do professor herói. É comum o docente ter conflitos intra e extraclasse, sendo refletidos ou não em sua aula, revelando o docente como um indivíduo como qualquer outro. O professor, como na maior parte das representações, pode, sim, ir contra o sistema educacional existente em determinada escola, mas nem sempre a sua crítica ou posicionamento vai ser bem aceito pela diretoria em pauta.

Em *Escritores da Liberdade*, por exemplo, a professora Gruwell consegue se impor, reivindicar igualdade nas turmas que até então são separadas entre alunos que querem estudar e os que não, e no final da sua história consegue continuar ensinando para a sua turma, o que no começo era contra as regras da escola. Por outro lado, em *Sociedade dos Poetas Mortos*, o professor Keating promove um método de ensino totalmente inovador visto a escola tradicional em que leciona, e por seus métodos de ensino serem o oposto do que a educação ortodoxa prega, ele é demitido. Por último, no documentário *Entre os Muros da Escola*, o professor François não sofre nenhuma consequência sobre o seu ato (ao xingar duas alunas em sala) e permanece normalmente com o seu método de ensino e o seu emprego, sem nenhum tipo de repressão de seus superiores.

A idealização da docência presente na mídia também propõe tratar cada aluno considerando a sua particularidade e a realidade na qual está inserido. (FIGURA 6) Neste aspecto, o documentário *Entre os Muros da Escola* se encontra numa posição neutra, pois não promove atividades refletindo sobre esse parâmetro. E mais, os professores se limitam a identificar os alunos como “bons” ou “ruins”, como é retratado na cena da confraternização entre os docentes. Entretanto não busca saber o motivo ou uma solução. Nesta cena, os professores estão recebendo as suas grades horárias e compartilhando informações, até que a câmera foca em dois professores numa mesa, um deles é novato e está segurando alguns papéis que remetem a lista de chamada e o outro professor, posicionado ao lado dele, que anteriormente se apresentou como Olivier e há quatro anos atua como docente na escola, aponta uma sequência de nomes e diz “bem comportado, bem comportado, mal comportado, muito mal comportado. Este é bem comportado, este não, fique atento, é muito mal comportado. Bem comportado, mal comportado, esta não é mesmo nada bem comportada”.



Figura 6: A diversidade racial entre os alunos no filme *Entre os Muros da Escola*.

Em *Escritores da Liberdade* também há esse contraste entre os estudantes dados como bons e maus, ocasionalmente de forma mais estereotipada por causa dos alunos reconhecidos como marginais. Em um determinado momento do drama, a diretora da escola afirma que “isso era uma escola modelo, e olha no que transformaram”, se referindo ao programa de integração no qual a instituição foi inserida. Ademais, a diretora também se refere a esses alunos marginalizados como violentos, como acontece na seguinte fala: “O triste é que eles são violentos, burlam regras, destroem a escola e, no fim das contas, eles são especiais. Nós os recompensamos. Só não sei o que eles aprendem.” Isto é, parte do princípio de que, por serem

considerados jovens marginais, não merecem uma educação boa ou igual aos demais alunos “comuns”. Esse pensamento fica evidente ao decorrer do enredo, ao prestar atenção e comparar a estética das salas da turma normal (cadeiras velhas, quebradas e rabiscadas; cortinas pela metade nas janelas) e da turma especial (ambiente limpo e organizado; cadeiras novas e quadro branco).

Além disso, há também uma cena em que a professora Gruwell se encontra com a diretora na biblioteca da escola a fim de decidir qual livro poderá trabalhar com os seus alunos, visto que o que ela tinha programado (*Odisseia*, de Homero) foi vetado pela diretora Campbell porque, segundo ela, os estudantes não possuíam vocabulário suficiente para compreender e nem tempo para se dedicar a leitura e tarefas de casa por perder muito tempo no deslocamento entre a escola e suas casas. Na cena da biblioteca há o seguinte diálogo entre as duas educadoras:

Professora Erin: E este? Estávamos discutindo o Holocausto. (segurando o livro *O diário de Anne Frank*)

Diretora Campbell: Não, não vão conseguir ler.

Professora Erin: Podemos tentar. Os livros estão aqui parados.

Diretora Campbell: Veja as notas de leitura deles. Se der esses livros para eles, nunca mais os verei. E se der, vão ser danificados.

Professora Erin: E este? *Romeu e Julieta*. Uma ótima história de gangues.

Diretora Campbell: Não, livros não. É isto o que damos a eles. *Romeu e Julieta* numa versão condensada.

Segundo Lima e Machado (2012), o termo “bom aluno” é comumente utilizado pelos sujeitos nas instituições escolares, nos meios de comunicação de massa, nos canais informais de interação e em uma série infindável de lugares sociais. No âmbito pedagógico, essa expressão esteve vinculada, até os anos de 1970, sobretudo, a concepções de aprendizagem que reduzem o aluno a um sujeito passivo diante do objeto de conhecimento. De uma forma geral, o bom aluno é considerado aquele estudante com boas notas, bom comportamento e é participativo. Entende-se o sentido de bom aluno como complexo, pois outros inúmeros fatores podem contribuir para que um aluno seja “bom”, como influência familiar e até a personalidade do estudante.

Sendo assim, pode-se dizer que os filmes e séries, geralmente, são produtos da mídia responsáveis por expor e, de certa forma, ordenar, como se deve agir diante da sociedade. Isto é, como se já deixasse em evidência o que é esperado ou desejado, por exemplo. Desse modo,

os professores teriam o dever de serem solícitos diante das demandas dos seus alunos e incluir as vivências deles em seu repertório didático. Para que assim a função de professor salvador seja perpetuada e validada em todas as esferas — ficção e realidade. E caso o professor não se adeque nessa posição, a outra é dada pela conturbada docência, representada em *Entre os Muros da Escola*, com aulas tumultuadas, idas à direção e conflitos intensos em sala.

### 3. A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Segundo Vygotsky (1896), psicólogo russo responsável por diversas pesquisas sobre o desenvolvimento da aprendizagem, a relação educador e aluno deve ser um vínculo de cooperação, de respeito e de crescimento, e não de imposição. Desse modo, o aluno é considerado um sujeito ativo no seu processo de aprendizagem, e não apenas um ouvinte. Ainda de acordo com a teoria do pesquisador, o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da interação social, isto é, de seu convívio com outros indivíduos e com o meio em que está inserido. Logo, percebe-se a importância da escola para o indivíduo e o seu desenvolvimento.

Para isso, é fundamental entender a importância do professor e do aluno em sala de aula e as consequências disso no processo de ensino. O professor é o agente responsável por transmitir o seu conhecimento para a turma, garantindo que o conteúdo seja compreendido e facilitando a aprendizagem. E isso, claro, se torna mais fácil quando acontece de forma eficaz e tendo um ambiente adequado. Por exemplo, uma turma que tem constantes brigas entre alguns alunos dificultam e atrasam o processo do docente em classe, assim como a aprendizagem de uma turma que sofre com a superlotação pode ser mais difícil e lenta do que de uma classe mais vazia. Sendo assim, a relação entre os alunos também é de suma importância para a fluidez e competência do docente.

Esse processo de compreender a necessidade de uma boa convivência entre os próprios colegas de classe é notável no filme *Escritores da Liberdade*. No começo da história, a professora não consegue transmitir o conteúdo que deseja, pois sempre ocorrem brigas em sala e conflitos externos que a obrigam a alterar o andamento de sua aula. Porém, posteriormente, após algumas conversas e aceitação da docente pelos estudantes, ela consegue dar fluidez às suas aulas sem nenhum tipo de empecilho e, assim, os alunos adquirem notas e rendimentos superiores ao esperado pelo corpo docente da escola. O mesmo vale para o filme *Entre os Muros*

*da Escola*: a explicação do professor é constantemente interrompida pelos alunos por motivos considerados banais, como na cena em que uma aluna questiona o motivo pelo qual o professor utilizou determinados nomes como exemplo num exercício, e não nomes mais populares.

Além disso, ao entender o pensamento de Vygotsky (1896) sobre ensino e aprendizagem, geram-se algumas reflexões sobre o filme *Sociedade dos Poetas Mortos* e a metodologia de ensino expressa em tela: como uma determinada mudança no currículo ou método de ensino pode interferir positivamente para os estudantes? Alertando-se a ideia de que nem todo método de ensino pode ser válido para um grupo de alunos, partindo do princípio de que cada indivíduo possui as suas individualidades e particularidades (como dificuldade ou facilidade para métodos de memorização, ou repetição e desenvoltura ou não para atividades coletivas), o que afeta no desempenho individual em relação à aprendizagem. Vale ressaltar que o professor Keating, agente dado como herói na percepção do cinema, é apresentado como ex-aluno da mesma instituição de ensino ortodoxa, pressupondo uma tentativa do docente em modificar uma educação que ele próprio recebeu. Talvez por entender que os métodos até então utilizados sejam ultrapassados ou por compreender a necessidade e a importância de uma relação mais próxima com os educandos.

Para pôr em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem “perdido”, fora da realidade, mas alguém que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber. (GADOTTI, 1991)

Pois, como afirma Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”. O professor não deve ser visto como alguém autoritário em relação aos saberes, pelo contrário, ele deve conseguir ouvir e entender toda a forma de conhecimento que o aluno pode trazer até ele. Ainda no começo do filme *Sociedade dos Poetas Mortos* há uma cena (transcrita abaixo) que demonstra o tipo de ensino empregado pelos demais professores, expondo metodologias baseadas em métodos repetitivos e teóricos.

Professor 1: Escolham três experimentos de laboratório na lista de projetos e façam um relatório sobre eles a cada cinco semanas. As vinte primeiras perguntas do final do capítulo são para amanhã.

Professor 2: Agricolam, Agricola, Agricolae, Agricolarum, Agricolis, Agricolas, Agricolis... De novo, por favor. Agricolam...”

Professor 3: O estudo da trigonometria requer uma precisão absoluta. Quem não entregar algum trabalho de casa ficará com menos um ponto na média final. Eu insisto que não me testem nesse assunto.

Esse tipo de abordagem pode dificultar uma relação positiva entre o docente e os seus alunos, dado que não há espaço para debate, perguntas e troca de conhecimentos e ideias entre ambas as partes interessadas no processo de aprendizagem. Essa abordagem caracteriza o professor como o ser central da aprendizagem, e os seus alunos como passivos de todo o saber que ele transmite em sala. Entretanto, de modo mais prático, entende-se que não funciona exatamente assim. Para que o aluno consiga ter êxito no aprendizado, é necessário ir além de exposição do conteúdo, há outros fatores que interligam todo o caminho até que seja concluído. Por exemplo, é comum, quando possível, o aluno deixar de assistir uma aula por não gostar do professor, assim como, se o aluno admira o professor, ele frequenta assiduamente as aulas e participa de modo voluntário. Isso justifica o porquê dos alunos dados como problemáticos, em *Escritores da Liberdade*, terem notas baixas de professores que os veem como indiferentes e violentos, e após Erin assumir o comando da turma, e buscar entender a perspectiva deles, as notas se tornam altas. (FIGURA 7)



Figura 5: A professora Erin Gruell lendo os diários produzidos pelos próprios alunos, inspirados em *O Diário de Anne Frank*.

De acordo com Bariani e Pavani (2008), no processo ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno deve ser marcada pela bi-direcionalidade, ou seja, pela influência existente do professor sobre o aluno, assim como do aluno sobre o professor, portanto tendo efeitos recíprocos. Já para Aquino (1996, p. 34), a relação professor-aluno é muito importante, a ponto

de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. A força da relação professor-aluno é significativa e acaba produzindo resultados variados nos indivíduos.

Há alguns tipos de abordagens teóricas no campo da educação, as principais são: tradicionalista; comportamental; tecnicista; humanista; cognitivista; histórico-crítica; libertadora; libertária. Cada abordagem é vista como uma forma de interpretar e entender o processo de aprendizagem, provocando pontos de vistas diferentes do que é assimilado como ideal ou não na área da docência. Comparativamente, percebe-se que a educação em *Sociedade dos Poetas Mortos* é dada pela abordagem tradicional, o que justifica a relação professor-aluno sendo vertical, isto é, o professor detém o poder decisório quanto a metodologia, conteúdo, avaliação etc. O uso do método expositivo, como já citado, também caracteriza esse modelo de abordagem, assim como a figura do aluno como um indivíduo passivo no processo de aprendizagem.

Quando ocorre a chegada do professor Keating, ele provoca a alteração da abordagem teórica da sua disciplina, sendo de caráter mais humanista. Assim, o processo de ensino e aprendizagem é centrado no desenvolvimento pessoal do estudante, dos seus processos e de relações interpessoais. É evitado qualquer padrão de rotina, fixação de respostas e hábitos, tendo como objetivo a autorrealização de seus alunos. E é o que acontece com a classe do professor John Keating. Seja por meio das experiências em sala, dos conselhos ou pela descoberta da antiga sociedade criada pelo professor, os alunos adquirem um conhecimento único e subjetivo em relação aos demais.

Ao aplicar uma atividade prática em aula (FIGURA 8), ele pede aos seus alunos que subam, um de cada vez, na sua mesa e olhem a sua volta, e diz: “Quando pensam que sabem de uma coisa, têm que olhar para ela de forma diferente. Mesmo que pareça tolo ou errado, devem tentar”. Assim, o professor provoca uma mudança na perspectiva de seus estudantes: antes eles eram vistos como agentes passivos da aprendizagem, sem qualquer estímulo autônomo, mas com a inserção do novo professor, eles conseguem ampliar a sua imaginação e ideais. O mesmo acontece com a senhorita Gruwell, em *Escritores da Liberdade*, ao compreender a rivalidade existente na sua classe, e o desprezo e a violência circulando em grupos rivais, ela mobiliza toda a sua metodologia para solucionar esse conflito, ocasionando a harmonia em sala.





Figura 8: Atividade prática desenvolvida pelo professor John Keating.

Ambos os professores estavam determinados a ter uma relação extraclasse com os seus alunos. O professor Keating, em meio a poemas e atividades, os ensinava também o chamado *carpe diem* (expressão de poema do filósofo Horácio que significa “aproveite o dia”). O docente queria que seus alunos buscassem e aproveitassem cada oportunidade dada a eles, lutassem por seus propósitos e talentos, que não fossem pessoas conformistas, acreditassem em seus potenciais. No decorrer do drama é observado que os alunos realizam certas escolhas seguindo o conselho do docente, desde se declarar para uma menina, como o personagem Knox Overstreet, ou seguir os seus sonhos no teatro, como Neil Perry.

No caso da senhorita Gruwell, ela utiliza o espaço da sala de aula para amenizar as brigas entre os grupos e busca evidenciar aos seus alunos que as diferenças de etnias e crenças não os fazem rivais. Para isso, a professora realiza uma atividade denominada “jogo da linha” (FIGURA 9). Com uma linha vermelha exposta no chão, dividindo a sala, e metade da turma em cada lado, ela explica: “Vou fazer uma pergunta e se tiver a ver com você, pise na linha. E depois afasta-se para a próxima pergunta”. A seguir, começa o jogo: “Primeira pergunta: Quantos de vocês tem o novo álbum do *Snoop Dogg*? [...] Ok, próxima. Quem mora em casas populares? Quantos conhecem alguém, um amigo ou parente, que esteja ou esteve no reformatório ou prisão?” E assim por diante. Utilizando essa atividade prática, Erin consegue demonstrar o que deseja e se adentra mais na realidade de cada aluno, aprimorando a relação professor e aluno.



Figura 9: Os estudantes participando do “jogo da linha”.

A professora Erin, mesmo impactada com a indiferença dos alunos, conseguiu criar métodos que fossem capazes de atrair a atenção deles e, de uma maneira geral, manter a harmonia em classe para que ela pudesse lecionar, como era esperado desde o início. Como dito no capítulo anterior, Erin está inserida no conceito de professor herói, acreditando que a ação e a luta na sala de aula podem fazer a diferença na vida dos estudantes. O filme, que acredito ser essencial para enxergar os dilemas da demanda escolar, também aborda algumas questões a respeito do que pode ocasionar a falta de ânimo na vida escolar, tanto pela parte dos estudantes como dos professores. Tal perspectiva será abordada no próximo capítulo.

Ainda sobre a relação professor-aluno, vale ressaltar que:

a relação professor/aluno em meio ao ensino/aprendizagem, depende fundamentalmente, do ambiente estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia no mundo real, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais. (BRAIT ET AL; 2010)

Para Paulo Freire (1996), a afetividade e o diálogo contribuem positivamente e é fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Ambos favorecem o elo na relação professor-aluno e, com isso, a compreensão do conteúdo é maior e a fluência entre a troca de conhecimentos também. É o que se denomina pedagogia do afeto, em que o objetivo é um olhar mais humano para o aluno, indo além do que a tradicional pedagogia prega, aplica e espera de

seus métodos de ensino. Neste caso, o professor é um facilitador de aprendizagem e enxerga cada erro do aluno como parte do seu processo evolutivo de aprendizagem, pois quando o erro acontece e o professor tem essa visão, ele consegue resolver.

É o que mostram os filmes apresentados neste trabalho. As dificuldades dos alunos não são encaradas como erros. Na cena em que professor Keating entende que o aluno Todd Anderson não consegue se impor, se expressar, ele facilita o processo da maneira que acredita ser útil e positiva para o garoto. O mesmo acontece com a professora Gruwell, ela não enxerga os alunos como marginais ou inferiores, e sim como educandos. Ela muda a sua metodologia para que os alunos consigam ter sucesso em seus processos evolutivos. O professor François também atua como um facilitador de aprendizagem, com técnicas mais tradicionais e menos envolvido pessoalmente com cada aluno, mas ele enxerga cada “erro” como parte do processo.

De acordo com Padial (2010),

O filme possui um componente ilusório. A realidade por ele mostrada chega até o público por intermédio da interferência técnica do roteirista, do diretor, dos técnicos de filmagens, dos atores e, desse modo, tudo é selecionado para agradar o espectador. Assim, o filme seleciona quais aspectos da realidade que esse grupo de profissionais quer mostrar, o que acaba provocando uma homogeneização, uma alienação no modo como se aprecia essa realidade, o que é útil para a indústria cultural. Entretanto, o filme permite outro tipo de relacionamento do público com a obra de arte, uma vez que sua estrutura de criação e seu custo de produção tornam sua difusão obrigatória, facilitando seu acesso para as massas e possibilitando a renovação das estruturas sociais. (p. 42)

Entende-se que a realidade mostrada pela mídia é puramente ilusória. Isto é, não é a realidade que será encontrada no nosso dia a dia em diversas escolas espalhadas pela sociedade. Ao invés de ânimo para enfrentar as dificuldades (sociais e materiais) e paciência para compreender as diferenças dos alunados, é notado uma escassez: de professores, de salas de aulas, de materiais e de incentivo à educação. Diferente do que o filme produzido por Richard LaGravenese mostra, raramente surgirá um empresário John para doar mais de trinta computadores para uma escola à pedido de uma docente, assim como nem toda escola tradicional permite a inserção de um docente mais humanista no seu quadro de professores. O mesmo vale para a consequência dos atos dos docentes. Será que um professor ficaria impune após uma agressão verbal a duas alunas, como foi o caso do professor François Marin? Os filmes, de maneira geral, lidam com a expectativa que desejam causar nos espectadores, seja

uma emoção ou uma reflexão, e isso acarreta numa ilusão deles, enquanto membros de uma sociedade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A REALIDADE BRASILEIRA DIANTE DA FICCIONAL**

Segundo Manacorda (2006), em seu livro “Historia da Educação: da Antiguidade aos nossos dias”, o início da educação ocorreu no Egito, lugar no qual o processo educativo não era voltado exclusivamente para o ler, escrever e calcular e nem para o aprendizado profissional, mas sim para a vida política, e restrito aos filhos da classe dominante. Já na Grécia, que obteve os princípios educacionais propagados por Sócrates, Platão e Aristóteles, houve um desenvolvimento da educação visando a democracia, tendo, também, as classes dominantes como alvo do processo, recebendo uma educação voltada no pensar e no falar (política). Sendo assim, desde seus primórdios a educação é utilizada como um instrumento importante para a vida em sociedade, e traz consigo heranças e restrições alarmantes, como o favoritismo das classes dominantes em relação às classes populares.

Quando pensamos na realidade da área de educação, é possível enumerar diversos fatores que contribuem para que o campo seja visto como atrativo e, simultaneamente, negligenciado. Seja de perspectiva mundial ou nacional. Pois, ao mesmo tempo em que há novas pesquisas sendo elaboradas, novos caminhos sendo traçados e descobertos, no caso do Brasil há também a falta de investimentos e de apoio governamental, o que pode dificultar ou imobilizar alguns projetos em construção. Num panorama global, a educação é compreendida como algo revolucionário e científico, capaz de resolver conflitos, amenizar desigualdades e cultivar a autonomia de pensamento. Entretanto, ao restringir esse panorama para a esfera nacional, entende-se que há algumas dificuldades a serem enfrentadas, assim como grande discrepância entre a teoria e a prática educacional.

Em teoria, a estrutura escolar deveria contar com espaços flexíveis e inclusivos, número de alunos adequados diante do tamanho da sala disponível, laboratórios e bibliotecas para incentivar as práticas de leitura, a oralidade e a curiosidade científica, salas artísticas e aulas esportivas, logística de segurança, acessibilidade e mobilidade, entre outras. Dessa forma, toda essa estrutura ideal (ou a falta dela) influencia na aprendizagem dos alunos, assim como na motivação escolar e na socialização tanto com os estudantes quanto com os professores, o que

também interfere de forma direta na relação entre eles. Por outro lado, o que ocorre na prática é o oposto: creches e escolas sem vagas o suficiente para atender a população; escolas sem acessibilidade e inclusão para receber alunos deficientes ou com algum tipo de transtorno global do desenvolvimento (tanto na falta de mobilidade adequada quanto na ausência de profissionais capacitados para essa aprendizagem). Ademais, segundo os dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, no ano de 2018, das 180 mil escolas brasileiras, 98 mil ou 55% não tem biblioteca escolar ou sala de leitura.

Quando há uma rotina apenas em sala de aula, entre livros e cadeiras, o estudante tende a ficar desestimulado por causa da monotonia encontrada no espaço, ocasionando a falta de atenção e até o baixo rendimento escolar. Agora, quando a escola consegue ter espaço, organização e recursos suficientes para intercalar as horas em classe com atividades extracurriculares, o alunado tende a ficar mais animado com a novidade, com a diversidade na rotina e com a possibilidade de trabalhar habilidades e competências novas. Além de promover essa motivação no quesito escolar, as atividades extracurriculares também permitem um novo conhecimento, às vezes é nesse momento que o aluno descobre um *hobby* ou uma vocação, como teatro, esportes ou um clube de debates. Para Maturana (1998), a ideia de educação é:

o educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem. (p. 29)

Vale apontar alguns aspectos de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que não deve ser compreendido como um currículo a seguir, mas sim como um conjunto de orientações que servem para conduzir o professor e as escolas na construção de um currículo local que, tanto na rede pública como na privada, caminhe para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. Vale ressaltar que a BNCC dialoga com documentos já existentes, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Ao analisarmos o documento em pauta, a literatura, em todos os níveis (Ensino Fundamental e Ensino Médio), não é delimitada a um componente curricular, portanto, pode ser abordada nas diversas áreas do conhecimento, desde Arte até Geografia e Matemática ou Língua Inglesa, por exemplo. Ou seja, é um campo transversal, o

que favorece, talvez, os distintos meios nos quais um conteúdo pode ser desenvolvido a depender do seu público e dos interesses em comum. Entretanto, é evidente que o professor de Língua Portuguesa ainda é o grande responsável por trabalhar com o saber presente na literatura, sendo academicamente mais capacitado.

Se o ensino de literaturas é algo que transpassa os diversos conhecimentos, pode ser considerado como uma disciplina necessária para que haja a desenvolvimento de um conhecimento crítico e autônomo do aluno enquanto indivíduo de uma sociedade. A própria BNCC apresenta uma concepção de literatura que aponta para isso:

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando. (BRASIL, 2018, p. 499)

Vale lembrar, nesse sentido, que no filme *Escritores da Liberdade*, a professora Erin Gruwell utiliza a literatura e o seu espaço em classe para desvendar as rivalidades e agonias dos seus alunos, buscando na leitura e na escrita uma forma de transformação e de crescimento. Claro que, nesse caso, trata-se de uma ficção, o que talvez não ocorra na realidade por outros fatores, como falta de tempo ou até interesse do docente. A questão é: o ensino da literatura, na representação cinematográfica parece atender à proposta da BNCC: um ensino abrangente e necessário para diversas áreas do conhecimento e momentos extraclasse.

De fato, a literatura não é — e não pode ser — vista somente como componente curricular, de forma categorizada. O leitor tende a ter uma formação extracurricular (bagagem cultural), e a escola tem que saber contribuir e envolver os seus alunos em novas leituras, novos gêneros e suportes digitais. Note-se que, neste caso, não estamos falando sobre mudar arbitrariamente o ensino de literaturas, e, sim, adaptá-lo de acordo com a mudança da sociedade e, conseqüentemente, do alunado presente nas escolas. Desse modo, os professores, as escolas (acostumados a terem um ensino tradicional e categorizado) e os documentos que servem como base curricular precisam seguir as eventuais mudanças para conquistar o aluno.

Ainda de acordo com a BNCC, a literatura infanto-juvenil de aventura e a marginal, por exemplo, ganham espaço no currículo, ampliando a diversidade de gêneros (como HQ, por exemplo) e de vozes. Por outro lado, a literatura eurocêntrica e seus valores ideológicos

européus deixam de ser o centro do estudo e ensino, tornando assim o aprendizado mais plural. Esse ponto retrata o que está exposto no parágrafo anterior: o currículo como algo mutável e atento às particularidades do aluno e do meio em que ele está inserido. A noção de “particularidade” também é frequente nos filmes em questão, principalmente em *Sociedade dos Poetas Mortos* e *Escritores da Liberdade*. Ambos consideram cada aluno como um ser único, com qualidades, perfis e perspectivas diferentes do outro. O que, como o documento de orientação demonstra, é fundamental para o ensino de literatura.

Ademais, ainda no pensando nas demandas para a mudança no ensino de literatura, a noção de bagagem cultural também tem grande importância para este trabalho. Segundo Bourdieu, sociólogo francês e autor do conceito de *background* cultural, a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. É nela que o legado econômico da família transforma-se em capital cultural. E este, segundo o sociólogo, está diretamente relacionado ao desempenho dos alunos na sala de aula. Isto é, o desempenho escolar do aluno não depende apenas do dom individual e da força de vontade do estudante, mas da origem social dos alunos – classe, etnia, sexo, local de moradia etc. Sendo assim, para o sociólogo, o sistema escolar confirma e reproduz desigualdades de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais.

Pode-se entender os três filmes como uma representação desse processo e de como ele se desenvolve na sociedade e em classes distintas. Em *Sociedade dos Poetas Mortos*, logo no início do longa-metragem aparecem as famílias deixando os seus filhos na escola, que é uma espécie de internato para o sexo masculino, e ocorrem falas como “Senhor Anderson, o senhor tem uma grande missão pela frente, o seu irmão foi um dos melhores (alunos)”, o que deixa subentendido uma tradição familiar de frequentar a escola e uma expectativa do personagem em ter tanto êxito nos estudos como o seu irmão, aluno modelo da instituição. Já em *Escritores da Liberdade*, há a cena em que acontece uma reunião de pais da classe da professora Erin, mas nenhum familiar dos alunos aparece para o evento, e nesse momento a câmera mostra a outra classe, ao lado, da turma avançada e reconhecida por ter os melhores alunos, recebendo os familiares para a reunião.

No filme *Entre Muros da Escola* há um único momento em que a relação pais e escola é exposta para o espectador: quando um aluno se envolve em uma briga em sala de aula e acaba sendo julgado pelo conselho de classe da escola, que tem a responsabilidade de decidir se ele deve ou não continuar matriculado na instituição. E, por curiosidade, a mãe do aluno é

estrangeira, não entende o idioma dos docentes e o filho precisa ficar traduzindo as falas durante a conversa, o que demonstra o outro lado da diversidade – e dificuldade – que pode ser encontrada em classe, assim como a falta de comunicação entre escola e pais, um dos fatores que também pode interferir no processo de ensino.

Considerando tudo o que foi exposto até o momento, pode-se gerar a seguinte pergunta: então, o que seria uma boa escola? Assim como a figura do bom professor, apresentada anteriormente, a boa escola também recebe os estereótipos pelas mídias? Talvez, em termos materiais, a boa escola pode ser compreendida como aquela que detém uma infraestrutura de qualidade, com quadras esportivas, bibliotecas, salas interativas e salas de aulas funcionais e atrativas, além de atividades extracurriculares. E, em níveis de ensino, hoje em dia se enquadra como uma boa escola aquela que traz mais resultados perante as outras, como é o caso das aprovações em vestibulares públicos e privados, ou as que contam com professores modelares. Contudo, sabemos que educação é muito mais do que isso.

Até que ponto uma infraestrutura pode interferir no resultado a longo prazo, como rendimento escolar constante e aprovação numa universidade? Há um estudo realizado pela Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, sobre o tema “Qualidade de Infraestrutura das Escolas Públicas do Ensino Fundamental no Brasil”, que tem como objetivo de construir uma medida de infraestrutura necessária para as escolas, além de fazer um comparativo com resultados em avaliações importantes, como o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). De acordo com a pesquisa, quando a condição do espaço físico escolar é ruim, os resultados no Ideb caem, mostrando que, embora não seja fator determinante para o resultado educacional, a infraestrutura é, sim, muito importante.

Ao analisar os filmes apresentados neste trabalho e a influência da infraestrutura das escolas no rendimento dos alunos, e também traçando um paralelo com o que é encontrado na nossa realidade, nas escolas públicas brasileiras, é possível citar alguns aspectos relevantes. Por exemplo, no filme *Sociedade dos Poetas Mortos* é perceptível uma infraestrutura superior à dos outros dois filmes, o que é compreensível, por ser a única escola de elite nessa comparação. No decorrer das cenas, é possível identificar lugares como biblioteca, sala de estudos, um amplo dormitório, campo de futebol e espaços para a realização de diversas atividades ao ar livre, como um lago para a prática de remo. Em nenhum momento do filme é mencionada falta de



algum recurso ou material para trabalhar com os estudantes, eles sempre possuem o livro adequado para cada aula ou atividade.

Por outro lado, em *Escritores da Liberdade* há cenas e diálogos que afirmam a falta de infraestrutura presente na escola, envolvendo desde a falta de livros para trabalhar com os alunos (ou a má preservação deles) até a qualidade dos recursos materiais na própria sala de aula, como cadeiras velhas, quadro antigo e persianas quebradas. Assim, mesmo não sendo mostrada em tela, entende-se que a mesma infraestrutura perdura em outros ambientes da escola, como banheiros e cozinhas, por exemplo. Além disso, no final do filme a professora Gruwell diz ter um último projeto em mente para realizar com a sua classe antes do término do ano letivo, e para explicar o projeto, a personagem Eva, interpretada pela atriz April Lee Hernández, explica: “A senhora G. nos pediu para fazer um livro com nossos diários, como Anne Frank. Ela conseguiu que um empresário, John, doasse 35 computadores para trabalharmos.”

Isto é, mesmo a diretora citando, numa conversa com o professor responsável pela turma avançada, que a escola é uma escola de prestígio na região, isso não garante que haja todos os instrumentos necessários para que o ensino seja mais proveitoso pelos estudantes e, assim, chegue a contribuir no processo de aprendizagem e toda a experiência individual que envolve diversas áreas cognitivas. Há uma separação de bens e regalias entre os tipos de alunos, o que permite que os alunos modelos da instituição desfrutem da melhor sala, com quadro branco, cadeiras novas e computadores disponíveis, enquanto as outras turmas, dos alunos considerados problemáticos e perdidos, contam com uma infraestrutura inferior. E essa distinção é mostrada nas cenas, o que nos leva a entender que não há uma educação igualitária entre todas as turmas de uma mesma escola na medida em que a própria direção escolar não permite o acesso dos demais alunos a instrumentos que poderiam estar disponíveis para eles.

Retornando para o contexto brasileiro, de acordo com Ricardo Filho (2005), em termos de escolarização, a maioria dos brasileiros que faz parte da população economicamente ativa não teria como competir por uma colocação nas empresas modernas. A seu ver, somente se consegue isso com “a construção de um sistema educacional eficiente, de massa, gratuito. Uma prioridade da sociedade e do governo”. Ao contrário disso, o Censo Escolar 2021/2020, divulgado em janeiro de 2022, demonstrou que a pandemia do coronavírus prejudicou a aprendizagem de grande parte dos estudantes brasileiros. O principal motivo foi o fato de as escolas não terem os instrumentos e meios tecnológicos necessários para estabelecer uma boa

metodologia de ensino remoto e garantir a interação entre alunos e professores, o que ocasionou o atraso cognitivo dos estudantes e, conseqüentemente, um aumento da desigualdade educacional, juntamente com a desigualdade social e econômica.

Além da falta de estrutura adequada para que os alunos tivessem acesso ao modelo híbrido ou remoto de ensino, a falta de investimentos em educação para a garantia do direito à educação ainda se perpetua no país. Diante disso, o Art. 208 da constituição brasileira prevê que “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de igualdade de condições para o acesso e permanência na educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.” Mesmo assim, de acordo com o relatório da organização Todos Pela Educação divulgado em dezembro de 2021, cerca de 244 mil crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos estavam fora da escola no segundo trimestre de 2021, um aumento de 171% comparado ao ano de 2019. O que demonstra a falta de incentivo financeiro e político diante da educação brasileira, que vem sofrendo com a escassez de recursos e políticas públicas ao longo dos anos, fazendo com que a educação se torne um privilégio, usufruído pelas classes dominantes da sociedade, assim como acontecia há milênios, na Grécia e no Egito. Retomando a fala de Ricardo Filho (2005), a construção de um sistema educacional eficiente, de massa e gratuito deve ser uma prioridade da sociedade e do governo.

Para relacionar a desigualdade educacional existente no Brasil, vale lembrar rapidamente, para concluir, o filme *Pro dia nascer feliz* (2005), que retrata o cotidiano de alguns estudantes de estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, da rede privada e pública de ensino, em forma de documentário. Com isso, o enredo se baseia em vivências dos adolescentes e os seus dilemas no ambiente escolar, como também nas discrepâncias que há entre a realidade dos jovens da classe alta e os da periferia, evidenciando os problemas sociais, econômicos e educacionais. Por um lado, na roda entre amigas de um colégio da rede particular de São Paulo, o tema da conversa se baseia em relacionamentos, o futuro na faculdade e o apoio emocional que recebem dos pais, enquanto, no outro momento do documentário, é revelada uma conversa entre jovens da periferia (14 - 18 anos) dizendo que roubam como distração e porque é o exemplo que recebem do governo.

Assim como no filme *Entre os Muros da Escola*, em *Pro dia nascer feliz* também há uma cena do conselho de classe, em que vemos os professores decidindo se devem ou não dar outra oportunidade para os alunos. E evidenciam como uma possível reprovação pode refletir

numa perda de interesse do estudante, como também criticam, diversas vezes, a ineficiência da chamada dependência. Além disso, no decorrer das sequências deste filme, é possível notar a discrepância que há entre o ambiente escolar público e o privado: tanto na estrutura das instituições como nas preocupações dos alunos, o que demonstra a desigualdade educacional na qual o Brasil está inserido.

Também é possível fazer uma relação entre o documentário brasileiro e o filme *Escritores da Liberdade*. Este, logo no início mostram cenas que explicam o contexto social da época em que a história do longa-metragem se baseia, com cenas de guerras entre gangues nos EUA. Já no caso do filme nacional, no começo do documentário também há uma introdução com manchetes de jornais como “Na Cidade Sem Escolas, Jovens Escolhem o Crime” e “Preocupa o País o Problema da Juventude Transviada”, além de indagações do tipo “E esse menino saberá votar amanhã?” e “Alguém lhe deu uma escola, uma oportunidade, um futuro?”. Dessa forma, pode-se entender que ambos os diretores tiveram como objetivo relacionar a falta da educação e incentivo educacional com a violência e a falta de oportunidades.

Em outro momento do longa, aparece uma estudante (Valéria, de 16 anos) com um grande potencial de escrita em prosa, mas que não tem o reconhecimento dos próprios professores, que recebem os trabalhos como plágio. A escola que frequentava não oferecia nem o Ensino Médio, era necessário se locomover para outra cidade, num transporte mal conservado e, na maioria das vezes, quebrado. O que se nota é: como uma infraestrutura adequada e professores qualificados são importantes para uma boa aprendizagem. Pois, como já foi mencionado acima, de acordo com pesquisas, a qualidade do ensino e o rendimento dos alunos tendem a cair quando a escola não oferece uma infraestrutura dada como necessária para suprir as necessidades básicas.

O documentário *Pro dia nascer feliz* é esclarecedor para aqueles que acreditam que não são determinantes os privilégios educacionais num país tão grande, diversificado e desigual como o Brasil. Seria necessário mais espaço para discorrer a respeito de todas as problemáticas que podem ser observadas durante as cenas, como também relacionar a possíveis causas e consequências, mas essa análise única e abrangente não é o objetivo deste trabalho. A intenção é ressaltar o abismo educacional causado pela discrepância econômica entre as classes sociais e a falta de investimentos do governo. Como é impactante o fato de que, num mesmo país, uma aluna falar que o banheiro da sua escola não tem descarga, não tem pia e não tem papel higiênico (Clécia, 13 anos, de Pernambuco), e uma outra aluna dizer que se sente pressionada pela rotina

escolar e todos os demais afazeres do dia a dia, como natação, yoga e professores particulares. (Ciça, 16 anos, de São Paulo)

No mais, é válido citar as palavras da professora Celsa, de São Paulo, ao responder o motivo pelo qual ela falta a algumas de suas aulas:

“Eu falto por cansaço. Eu acho que ser professora e “tá” envolvido mesmo com a profissão, com eles (...) é uma carga física e mental muito grande, é mais do que o ser humano pode suportar. (...) Eu faço terapia uma vez por mês (...) porque não dá. Você se envolve com os problemas deles. (...) O papel do professor na sociedade é muito importante, só que ninguém dá essa importância (...) eu acho que o professor perdeu a dignidade, a gente não tem dignidade para trabalhar (...)”

Diante disso, é necessário compreender que o processo educacional envolve muita coisa e muitas pessoas, e não deve ser tão idealizado como acontece muitas vezes na representação fílmica. Para ter um bom ensino, é preciso ter um bom professor, e o bom professor é aquele capaz de construir conhecimento com suas turmas. Entretanto, como isso se torna eficaz se o professor não está em plena saúde física e mental? Seja por causa das constantes agressões físicas e mentais sofridas em sala de aula, pelo excesso de carga horária devido à ausência de outros docentes ou pela falta de reconhecimento social e financeiro. Para obter uma melhoria na educação, é preciso modificar vários aspectos (materiais e sociais) até conseguir atingir o reflexo na prática, como mais estudantes tendo acesso à universidade, por exemplo. Só desse modo, como preconiza a BNCC, a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013).

No decorrer deste estudo observou-se que o cinema pode promover e idealizar representações sociais de determinados grupos, o que ocasiona numa propagação (e aceitação) dessa idealização diante da sociedade. Além de expor a idealização presente no cinema no que se refere à docência e todo o sacrifício que é esperado do professor, este trabalho também buscou avaliar o papel do docente e o conceito de ensino, diante de três filmes e suas distintas perspectivas. Considerando esses aspectos, o material utilizado para o estudo foi essencial para entender a relevância do professor na vida dos estudantes e para compreender a importância do ensino de literatura nas escolas, além de demonstrar o imagem de professor-herói e o que se deve esperar de um personagem pertencente a esse perfil. Portanto, é válido ressaltar a necessidade de combater os estereótipos exibidos pela mídia com o intuito de ter uma visão crítica e saber diferenciar um ato da realidade do cotidiano e da ficção cinematográfica.

No mais, diante dos argumentos apresentados, verifica-se a necessidade de ter cautela ao idealizar um perfil definido pelo cinema, pois como já foi mostrado, ele é montado a partir do objetivo estipulado pelo diretor e toda a sua equipe. Logo, é válido atentar para nossa realidade e os desafios do ensino de literaturas no nosso país, com o intuito de mapear os desafios e encontrar soluções para que, no futuro, a educação seja uma realidade viável para todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Gropa. **A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1996.

ALMEIDA, Tamiris. **A infraestrutura é um dos pilares para a melhoria da qualidade do ensino no país**. Fundação Roberto Marinho. Disponível em: <  
<https://www.futura.org.br/infraestrutura-das-escolas-e-aprendizagem/>> Acesso em 30 de jan. de 2022.

BALADELI, Ana P. D. **Cinema e docência: representações da profissão professor em narrativas fílmicas**. Anais do V Simpósio de Educação e XXVI Semana de Pedagogia, Unioeste, Cascavel, 2016.

BARIANI, Isabel Cristina; PAVANI, Renatha. **Sala de aula na universidade: espaço de relação interpessoais e participação acadêmica**. Revista Estudos de Psicologia/ 25(1) / 67-75/ Janeiro – março / 2008.

BRAIT, Lílian F. R. *et al.* **A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG. v. 8, n. 1 jan/jul 2010

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. LEI N. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. **PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria da Educação Média e Tecnológica** – Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Conhecimentos de Língua Portuguesa**. In: BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CANDIDO, Antonio., GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DALTON, Mary. **The Hollywood curriculum teachers in the movies**. 2.nd. edition. Peter Lang: New York, 2010.

DAVSON, Felipe Pereira da Silva. **O cinema como fonte histórica e como representação social: alguns apontamentos**. História Unicap, v. 4, n. 8, jul./dez. de 2017.

EDELMAN, R. **Teachers in the movies**. American Educator: the professional Journal of the American Federation of Teachers, 7, 1 990.

ENTRE muros da escola. (Entre les Murs), Drama, França, 128min, 2007. Direção Laurent Cantet. Produção: Caroline Benjo, Carole Scotta, Barbara Letellier e Simon Arnal.

ESCRITORES da liberdade. ((Freedom Writers) São Paulo: Thomson, 2006. Direção e Roteiro de Richard LaGravenese, baseado no livro de Erin Gruwell. Distribuidora Paramount Pictures. COMPLETAR

FABRIS, Eli T. H. **Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola**. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo. Spcione série Pensamento e ação no Magistério – 1991.

GUTFREIND, C.F. **O filme e a representação do real**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação [online], v.2, n.12, 2006. Disponível em: < <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/90/90> >. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

**G1. Evasão escolar de crianças e adolescente aumenta 171% na pandemia, diz estudo.** 02 dez. 2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/12/02/evasao-escolar-de-criancas-e-adolescente-aumenta-171percent-na-pandemia-diz-estudo.ghtml> > Acesso em 15 de janeiro de 2022.

**HAJE, Lara. Dados do Inep mostram que 55% das escolas brasileiras não têm biblioteca ou sala de leitura.** Câmara dos Deputados, 2018. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/549315-dados-do-inep-mostram-que-55-das-escolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-ou-sala-de-leitura/>>. Acesso em 30 de janeiro de 2022.

**HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo Martins Fontes, 2013

**LIMA, A. M. e MACHADO, L. B. O “bom aluno” nas representações sociais de professoras: o impacto da dimensão familiar.** *Psicologia & Sociedade*, 24 (1), 150-159.

**MANACORDA, M. A. História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

**MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política.** tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 98 p.

**MORALES, Pedro. A relação professor-aluno – o que é como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

**PADIAL, Mônica N. O professor e sua figura no cinema: uma análise da docência e da educação escolar retratada em dois filmes hollywoodianos.** 113f. Dissertação (Mestrado em Educação: história, política e sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

**PRO Dia Nascer Feliz.** Direção: João Jardim. Produção: Flávio R. Tambellini e João Jardim. 2006. 88 min. Gênero: Documentário. COMPLETAR

**RICARDO FILHO, G. S. A boa escola no discurso da mídia: um exame das representações sobre a educação na revista Veja (1995 – 2001).** São Paulo: Unesp, 2005.

**SOCIEDADE dos Poetas Mortos.** Direção de Peter Weir. Produção de Steven Haft. Interprete: Robin Williams. Música: Maurice Jarre. Produzido por Buena Vista Home



Entertainment; Tochestone Home Entertainment. DVD (129 min), Wisdescreen, son., color, NTSC, 1989. COMPLETAR

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

VIOTTO, Ricardo Antonio. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**.  
Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 27, n. 1, p. 357-363, jan./abr.  
2016

VYGOTSKI, L. S. **Interação entre aprendizado e desenvolvimento**. In: VYGOTSKI, L. S.  
A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1935/1984.